


COMUNICAÇÃO E PARTICIPAÇÃO SOCIAL DE BEBÊS EM AÇÕES EDUCATIVO-PEDAGÓGICAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

 <https://doi.org/10.56238/arev6n2-120>

Data de submissão: 11/09/2024

Data de publicação: 11/10/2024

Thamisa Sejanny de Andrade Rodrigues

Mestre em Educação

Universidade Federal de Sergipe

E-mail: thamisa@academico.ufs.br

Tacyana Karla Gomes Ramos

Doutora em Educação

Universidade Federal de Sergipe

E-mail: tacyanaramos@gmail.com

RESUMO

O artigo em questão tem como objetivo analisar os recursos comunicativos não verbais que o bebê utiliza para demonstrar sua participação social em atividades pedagógicas que lhes são propostas. Os sujeitos da investigação são quinze bebês, com idades entre seis e vinte meses, integrantes do agrupamento etário denominado de berçário I de uma instituição municipal de Educação Infantil da cidade de Aracaju/SE. Trata-se de uma pesquisa-intervenção, em que os dados foram produzidos por meio de fotografias, registros em notas de campos e descritos em situações interativas. A participação social das crianças foi observada durante seis atividades pedagógicas planejadas e dirigidas pela pesquisadora, realizadas semanalmente, na sala de referência dos bebês. Os resultados apontaram que o recurso sociocomunicativo frequentemente utilizado pelos bebês para demonstrar seus interesses pelas propostas que lhes foram dirigidas foi o direcionamento do olhar, seguido do uso do corpo em movimentos, gestos, posturas, sorrisos e rápidas vocalizações. Os resultados se coadunam com dados de outras pesquisas que confirmam a potência sociocomunicativa dos bebês e desvelam seu protagonismo social nas (re)ações em que expressaram suas preferências ou rejeitaram as práticas pedagógicas que lhes foram dirigidas.

Palavras-chave: Bebês. Educação Infantil. Recursos Sociocomunicativos.

1 INTRODUÇÃO

Os estudos acerca das potencialidades educativas dos bebês vêm se consolidando ao longo das últimas décadas no Brasil. Os resultados de pesquisas das mais diferentes áreas, especialmente da Sociologia da Infância e da Psicologia do Desenvolvimento, têm permitido considerar a criança como sujeito ativo, com diferentes capacidades sociocomunicativas para se relacionar, participar de eventos culturais, criar e recriar significados, ser sujeito nas pesquisas, mesmo sem ter a linguagem oral consolidada.

Ao trazer a perspectiva da criança, enquanto sujeito de direito, as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI) legitimam a presença desses sujeitos nas instituições educativas, pelos benefícios que essas experiências podem lhes proporcionar (Brasil, 2009). Ademais, o reconhecimento da educação enquanto direito humano (Brasil, 1990), proporciona às crianças, desde bebês, serem incluídas nos ambientes de Educação Infantil, gozando de todos os direitos inerentes a esta etapa e de profissionais qualificados para atendê-las, considerando sempre o interesse maior da criança.

Todo esse contexto de posicionamento do bebê enquanto sujeito potente, traz novas perspectivas sobre a participação social dos bebês na instituição de Educação Infantil, bem como sobre as contribuições de diferentes áreas de conhecimento sobre o papel da comunicação em ações educativo-pedagógicas no contexto da Educação Infantil.

Nesse cenário, muito mais que uma extensão dos afazeres domésticos, o papel do professor da Educação Infantil tem como premissa se valer de conhecimentos teóricos, metodológicos e relacionais que o permitam compartilhar, acolher, observar e escutar essas crianças. Buscando, por meio da interlocução entre teoria e prática, avaliar e adequar suas propostas considerando as necessidades e potencialidades dos bebês (Barbosa, 2010).

De acordo com o estudo de revisão bibliográfica realizados por Anjos *et al.* (2004), os primeiros registros de estudos realizados no Brasil acerca da capacidade interativa dos bebês datam da década de 70. Além disso, houve, ao longo da história, um interesse maior em investigar os processos interacionais de bebês com parceiros de outras idades, sobretudo suas mães, do que com seus coetâneos.

Esse interesse inicial das pesquisas foi se transformando e se (re)configurando em razão das mudanças sociais, políticas, culturais e econômicas que fizeram com que o ingresso das crianças ao espaço coletivo de educação ocorresse cada vez mais cedo e as pesquisas passaram a investigar também as interações de bebês com seus coetâneos.

Assim, a partir da década de 80, com a inclusão de novos instrumentos de observação, a exemplo da videogravação, permitiu-se com que os pesquisadores obtivessem um detalhamento e um refinamento melhor acerca das interações dos bebês com seus pares de idade, assim como o próprio conceito de interação foi se modificando. Conforme afirmam Carvalho *et al.* (1996, *apud* Anjos et al., 2004, p. 514), a videogravação resultou em novos avanços para a pesquisa, visto que “possibilita a preservação do fenômeno, propiciando repetição da observação e mais tempo para reflexão sobre a mesma, possibilitando o enriquecimento de sua análise”.

A revisão de literatura sobre a referida temática (Anjos et al. 2004) aponta ainda que o conceito de interação como fazer algo juntos foi se transformando durante o processo de observação com os bebês. Dessa forma, muito mais do que fazer algo juntos, a interação com bebês e seus pares de idade abarca a regulação de comportamentos, mesmo a distância e mesmo que o bebê não saiba que está regulando o comportamento do outro.

Partindo desse levantamento inicial e considerando a potência comunicativa dos bebês em ambientes coletivos de educação, realizamos um mapeamento nas bases da *Lens* e da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), buscando identificar como a literatura vem tratando essa temática no nosso país, nas últimas décadas. A pesquisa nos bancos de dados foi realizada utilizando os seguintes termos-chave “Educação Infantil” AND bebês AND interação AND comunicação, nesta ordem, nas duas bases de dados.

Na base de dados *Lens* foram encontrados 7 (sete) trabalhos acadêmicos, de duas áreas de conhecimento, a educação e a psicologia. Na BDTD foram encontrados 21 trabalhos acadêmicos, dos quais 18 dissertações e 3 teses. Como critérios de inclusão foram elencados trabalhos que tratassem do tema da comunicação dos bebês; que fossem realizados em ambiente coletivo de educação. Como critérios de exclusão estudos que envolvessem crianças de mais idade; que não fossem realizados em contexto coletivo de educação; que não abordassem especificamente dos recursos sociocomunicativos utilizados por bebês na Educação Infantil.

De modo geral, os estudos apontam para a importância de reconhecimento dos profissionais acerca da potência comunicativa dos bebês em contextos de interações como elemento importante para o desenvolvimento integral do bebê. Diferentes pesquisas revelam que os bebês, apesar de não terem a linguagem verbal estabelecida, apresentam diferentes linguagens e recursos sociocomunicativos para revelar suas motivações, afetos, frustrações ao participar das ações da vida cotidiana no contexto da Educação Infantil (Ramos, 2010; 2012; 2018; Silva, 2022, por exemplo).

Diante desse contexto, este estudo tem por objetivo analisar os recursos comunicativos não verbais que os bebês utilizam para demonstrar sua participação social em práticas pedagógicas

planejadas, em uma instituição de Educação Infantil localizada no município de Aracaju-SE. Considerando os modos de participação social dos bebês como foco deste estudo, as análises apresentadas neste trabalho priorizam reflexões sobre a importância das interações como um dos eixos constitutivos da Educação Infantil (Brasil, 2009), além de reconhecer, por meio da descrição dos recursos sociocomunicativos, a potência dos bebês nas ações que lhe são propostas.

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, do tipo pesquisa-intervenção (Damiani *et al.*, 2013), em que a pesquisadora planejou atividades a serem desenvolvidas com os bebês, de modo a captar a potência comunicativa deles durante as atividades propostas. Os dados foram coletados a partir da observação participante, das fotografias, registros em diários de campos e descritos em situações interativas.

A participação social das crianças foi observada durante seis atividades pedagógicas planejadas e dirigidas pela pesquisadora, realizadas semanalmente, realizadas semanalmente, no horário entre 07h30min e 08h30min, na sala de referência dos bebês. Os sujeitos da investigação são quinze crianças, com idades entre seis e vinte meses, integrantes do agrupamento etário denominado de berçário I de uma instituição municipal de Educação Infantil da cidade de Aracaju/SE.

De modo a captar os recursos sociocomunicativos utilizados pelos bebês durante as práticas educativo-pedagógicas, optamos pelo uso das fotografias como recurso privilegiado para captar as ações das crianças. Os registros realizados durante as atividades contaram com a colaboração de outra discente vinculada ao grupo de pesquisa que integra as autoras do presente texto. Após análises iniciais, reunimos as situações interativas para a análise, que foram também trianguladas com registros em diário de campo e descrição das situações interativas.

O uso da fotografia permitiu uma análise mais detalhada das interações que aconteciam durante as atividades propostas. Para Guimarães (2011, p. 107), “o ato de fotografar congela momentos, recorta o fluxo da história, constrói uma possível versão dela. O olho da câmera produz realidades diferentes das que o olho do pesquisador poderia capturar sozinho”. Nesse sentido, a preocupação estava em utilizar um instrumento que expressasse da melhor forma as respostas das crianças às atividades, já que, por razão da idade, ainda não se expressam por meio de palavras e frases estruturadas.

Dessa forma, complementa Guimarães (2011, p.110 e 111), “a fotografia funciona como encontro entre não verbal e verbal, o que mostra como rico recurso na pesquisa com bebês que estão na fronteira entre a comunicação e a expressão pelo corpo e pelas sensações. A construção dos registros fotográficos se deu a partir das relações estabelecidas com as crianças, entre elas e seus pares, e entre as crianças e os brinquedos disponíveis. Também foram efetuados registros de atividades individuais das crianças. As fotografias foram tiradas na sequência em que aconteciam as interações, a partir das

atividades dirigidas às crianças. Dessa forma, foi se constituindo um banco de dados que permitiu que, posteriormente, agrupássemos as figuras em momentos que nomeamos como situações interativas.

Os resultados deste estudo se coadunam com dados de outras pesquisas que confirmam a potência sociocomunicativa dos bebês e desvelam seu protagonismo social nas (re)ações em que expressaram suas preferências ou rejeitaram as práticas pedagógicas que lhes foram dirigidas.

2 O BEBÊ É INTERLOCUTOR ATIVO: DIÁLOGOS E AÇÕES DE PESQUISA NA TRAJETÓRIA DE PRODUÇÃO DE DADOS

O aumento significativo de bebês em espaços de educação coletivos, revelam a necessidade de construção de ambientes que permitam o atendimento qualificado aos bebês, considerando suas especificidades e potencialidades. Apesar de termos alcançado os marcos legais necessários para a efetivação da creche enquanto espaço destinado ao atendimento de crianças de 0 a 3 anos de idade, ainda buscamos superar o estigma desse ambiente enquanto instituição assistencialista e de guarda de crianças (Kuhlmann, Jr, 2015).

As pesquisas mais recentes acrescentam o fato de que os bebês foram durante muito tempo considerados seres incapazes de realizar atividades planejadas pelo educador, cabendo a este apenas o cuidado às necessidades básicas como alimentação, higiene, saúde, etc. Entretanto, os estudos realizados a partir da perspectiva da Sociologia da Infância trouxeram um novo olhar sobre a criança e a sua infância na sociedade. A criança passa a ser vista como um ator social, cidadão com direitos e capacidade para exercê-los (Belloni, 2009).

A instituição de Educação infantil, como espaço educativo e de socialização dos bebês, é apontada como um ambiente propício ao desenvolvimento de atividades pedagógicas em parceria com as crianças (Delgado e Muller, 2005). Nesse sentido, surge a necessidade de se analisar de que forma ocorre a organização dessas atividades e como se dá a participação dos bebês.

As interações são elementos frequentemente apontados nas pesquisas sobre crianças pequenas em ambientes de educação coletivos (Ramos, 2006; 2010). Isso ocorre principalmente nos processos comunicativos, em que as crianças se utilizam de diferentes linguagens e interagem de diferentes maneiras (Elmor, 2009). A mediação do adulto, nesse caso, é reconhecida como fundamental no processo de construção de um ambiente socializador que respeite as “falas” dos bebês (Guimarães, 2011).

Pesquisadores (Elmor, 2009; Ramos, 2006; 2010, por exemplo) apontam para a necessidade de se observar e ouvir as crianças, porque mesmo antes da construção de uma comunicação verbal

estruturada, elas já são capazes de expressar suas ações através de uma comunicação não verbal realizada por gestos, sorrisos, choros, etc.

Segundo Tristão (2005, p. 39), “as profissionais que trabalham com bebês nas instituições de educação infantil devem alfabetizar-se nas diferentes linguagens das crianças pequenas, buscando entendê-las e, de certo modo, ouvi-las”. Dessa forma, quanto mais a professora possibilitar momentos de interação e comunicação com/entre as crianças, maior qualidade terá o seu trabalho e, conseqüentemente, as ações pedagógicas serão mais bem compreendidas e aceitas por elas.

No entanto, para que isso aconteça, é preciso que haja sensibilidade e formação adequada do educador para atuar com os bebês, visto que “aproximar-se do universo infantil requer um olhar de revelação que precisa estar aberto à novidade, para os acontecimentos inusitados, que só se torna possível sem as amarras determinadas por saberes e verdades previsíveis” (Redin, 2009, p. 118).

É no contato com o outro que a criança aprende e se desenvolve (Vigotski, 1989). Por isso, se faz importante a presença do educador como mediador dos encontros sociais proporcionados pelo ambiente coletivo do berçário. O educador, então, passa a ser visto pelos bebês como um adulto de referência, como alguém com quem, mesmo fora do ambiente doméstico, eles podem se sentir seguros e confiantes (Guimarães, 2011).

Para que a interação se constitua como prática pedagógica da rotina dos berçários, também se faz necessária uma formação sólida do profissional da educação, para que ele perceba que a prática profissional do educador de bebês é construída diariamente, no próprio movimento de convívio com as crianças (Tristão, 2005). Dessa forma, o conhecimento que as professoras adquirem no trabalho com os bebês auxilia, sobremaneira, a reflexão da teoria sobre a prática, facilitando uma “constituição efetiva da pedagogia da infância” (Ibid., p. 58).

Outro elemento importante quando se considera a organização da prática pedagógica com os bebês é a emoção. As relações estabelecidas entre adultos e crianças e entre os pares são fundamentais para o desenvolvimento cognitivo dos bebês. A esse respeito, posiciona-se Tristão (2005, p.50) que “é o canal da emoção que garante a resposta dos adultos que cuidam do bebê”. Além disso, faz-se necessário que se rompa o estigma de que, para ser uma boa profissional da creche, basta ser uma boa mãe. “Ser mãe e ter experiência no trabalho doméstico são experiências que constituem a profissional da creche” (Guimarães, 2011, p. 53).

Todos esses aspectos mencionados anteriormente revelam a importância no desenvolvimento de pesquisas que compreendam o bebê como interlocutor ativo. Partindo dessa premissa, iniciamos as primeiras aproximações no contexto investigado, a partir da autorização do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Sergipe (nº CAAE 0211.0.107.000-11), seguida da anuência das

famílias dos bebês integrantes do contexto observado e educadoras responsáveis pela educação e cuidados das crianças, conforme detalhamento a seguir apresentado. Os encontros iniciais durante o percurso de investigação resumiram-se à observação das práticas cotidianas do grupo, sem propostas interventivas, pois julgamos como um importante momento de aproximação social com o contexto investigado.

Também utilizamos esses momentos iniciais para nos aproximar das crianças, observar a rotina do berçário e perceber como as educadoras organizavam suas práticas educativo-pedagógicas. Antes da nossa entrada no campo de investigação, apresentamos, às educadoras e à equipe pedagógica da instituição, como seriam os encontros realizados com as crianças, os dias e os horários de permanência na turma.

As atividades pedagógicas da pesquisa foram desenvolvidas ao longo de seis encontros, uma vez na semana, na quarta-feira e no turno da manhã, ocasiões em que crianças estavam mais receptivas às atividades, já que, no outro turno, elas dormiam e, quando acordavam, aguardavam a chegada dos pais para irem embora.

O encontro inicial rendeu muitas discussões com as educadoras acerca da indissociabilidade entre o cuidar e o educar a criança. Na opinião das educadoras participantes do estudo, questões estruturais e políticas acabam contribuindo para que elas não realizem atividades educativo-pedagógicas, especialmente no que se refere à carência de brinquedos para as crianças e de um piso salarial justo para as educadoras do berçário, já que as mesmas, apesar da formação em nível superior, foram contratadas como educadoras sociais, cargo que se deu por meio de concurso público para pessoas que tivessem apenas o ensino médio completo.

Depois dos primeiros dias de observação participante das práticas e do contexto investigado, solicitamos a autorização dos pais para a filmagem e fotografias dos bebês, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foi realizado durante a entrada das famílias das crianças na instituição. Na ocasião, também explicamos aos pais como seria realizada a pesquisa e nos comprometemos em utilizar as imagens das crianças somente para fins acadêmicos. Alguns pais indagaram sobre os objetivos da pesquisa, enquanto outros apenas assinaram a autorização.

A entrada no campo de pesquisa e aproximação social com os bebês do estudo foi feita por meio do convite às crianças para participarem das brincadeiras, muitas delas mediadas por objetos presentes na sala de atividades como, por exemplo, os móveis que ficam presos ao teto. A música também foi um elemento que facilitou o contato da pesquisadora com as crianças.

O uso da fotografia permitiu uma análise mais detalhada das interações que aconteciam durante as atividades propostas. Para Guimarães (2011, p. 107), “o ato de fotografar congela momentos, recorta

o fluxo da história, constrói uma possível versão dela. O olho da câmera produz realidades diferentes das que o olho do pesquisador poderia capturar sozinho”. Nesse sentido, nossa preocupação estava em utilizar um dispositivo que expressasse da melhor forma as respostas das crianças às atividades, já que, pela pouca idade, ainda não se expressam por meio de palavras e frases estruturadas.

As fotografias foram tiradas na sequência em que aconteciam as interações, a partir das atividades dirigidas às crianças. Dessa forma, foi se constituindo um banco de dados que permitiu que, posteriormente, agrupássemos as figuras em momentos que nomeamos como situações. Inicialmente, as fotografias foram agrupadas em pastas com os dias das atividades realizadas. Em seguida, as fotos incluídas dentro da pasta do dia eram divididas em subpastas que continham atividades em comum.

As categorias de análise dos dados produzidos pelo estudo não foram escolhidas *a priori*, mas construídas ao longo do processo de investigação. Notamos nas primeiras observações a ausência de brinquedos que pudessem propiciar momentos de interação e brincadeiras entre as crianças. Assim, foram adquiridos e levados para o ambiente do berçário brinquedos e atividades compatíveis com a idade dos bebês. Atividades de esconde-esconde, de imitação e com bolas foram propostas, e as crianças participaram, demonstrando interesses e motivações.

Concordamos com Nicolau (2003) ao defender que o brinquedo torna-se um elemento fundamental no processo de apropriação da cultura, pois possibilita o desenvolvimento integral da criança, já que esta se envolve afetivamente, convive socialmente e opera mentalmente. Tudo isso facilita o contato com experiências novas que auxiliam a criança na construção de sua autonomia.

A participação ativa das crianças nas práticas educativo-pedagógicas realizadas revela a importância do planejamento pedagógico, considerando a criança como parceira desse processo. As crianças não só sugerem as atividades de que desejam participar, como também rechaçam aquelas de que não gostam.

Cabe destacar que a escolha das fotos que fizeram parte das situações a serem descritas e analisadas deu-se a partir das ações que mais se aproximavam do objeto de estudo, conforme nossa interpretação. Foi então, por meio desta seleção, que passamos a perceber o quanto o bebê possui um leque rico e amplo de elementos comunicativos e os utiliza no dia a dia para se relacionar. Houve a construção de interpretações desses dados e a seleção de situações interativas que dão visibilidade aos achados da presente investigação e que serão apresentadas a seguir.

3 DIFERENTES CAPACIDADES SOCIOCOMUNICATIVAS DOS BEBÊS EM USOS NA CRECHE

De modo a apresentar os resultados do estudo, dividimos os encontros sociais ocorridos por meio das interações entre pesquisadora e bebês em ações organizadas dentro de uma sequência temporal – que denominamos de *situações interativas*. Neles, descrevemos as relações estabelecidas entre adulto e criança – com início e fim determinados pela pesquisadora (Pedrosa, 2005).

Diante dos dados, foram observados inúmeros recursos sociocomunicativos utilizados por bebês, nas diferentes atividades propostas. Com a seleção dos momentos, foi possível verificar que os bebês em questão se utilizavam frequentemente do direcionamento do olhar para se expressarem e o sorriso como meios de estabelecer interações sociais com seus interlocutores, sendo esses dois recursos sociocomunicativos utilizados por todos os bebês, ao longo das observações.

Em seguida, o uso do corpo foi bastante evidenciado por meio de movimentos como, nesta ordem: dirigir-se a alguém, apontar, estender pernas e braços, esticar o corpo, entregar o brinquedo para o adulto, segurar as mãos do adulto. Embora a imitação seja considerada um recurso expressivo não verbal bastante utilizado por crianças, funcionando como contexto e veículo de apreensão de significados, ela foi pouco utilizada pelos bebês durante os períodos de observação.

No que se refere ao olhar como veículo de comunicação, verificamos o que Guimarães (2011) identificou enquanto realizava uma pesquisa com bebês em creches públicas do Rio de Janeiro. Segundo a autora, os bebês buscam o adulto com o olhar para se sentirem seguros e, quando se sentem seguros, dirigem-se a eles através de expressões corporais, tais como movimentar-se, ir ao encontro do adulto quando solicitada e tocar o corpo do adulto, por exemplo. Além disso, a referida autora defende a importância da experiência do olhar como algo que fortalece os vínculos afetivos entre adulto e crianças.

Percebe-se, ainda, que os diálogos foram essencialmente mediados pelo direcionamento do olhar, quando o adulto se colocou na posição de parceiro da criança. Além disso, outros tipos de linguagem sustentaram as relações sociais entre bebês e adulto, como o toque, a imitação, a fala do adulto, os sorrisos e balbucios da criança. Dessa forma, mais uma vez, destaca-se a importância do olhar como elemento na comunicação entre os parceiros.

O direcionamento do olhar é uma forma de se transmitir sinais socialmente relevantes, comportamentos estes considerados não-verbais. O olhar não é considerado simplesmente visão. O olhar sustentado geralmente indica interação social em potencial. Ao longo do primeiro ano de vida, é aprendido pelas crianças que a forma de olhar das outras pessoas costuma transmitir informações

importantes e o contato ocular é uma ferramenta imprescindível para o estabelecimento da comunicação entre os seres humanos. (Elmôr, 2009, p. 27).

As crianças, em geral, costumavam se interessar pelas movimentações sociais ocorridas na sala de referência e demonstravam isso com olhares atentos. No entanto, não foi muito comum perceber a apropriação das educadoras em relação a esses momentos enquanto oportunidades de se relacionar com as crianças.

Além disso, presenciamos momentos de grande movimentação corporal das crianças, o que indica que as propostas planejadas para os bebês precisam considerar a necessidade intrínseca do movimento. Os bebês se comunicam de forma intensa com os adultos, expressando seus interesses e motivações: “é uma comunicação sem palavras, singular, em que o choro, o riso e o balbucio servem como meio de contato social, de comunicação difusa com outras pessoas” (Tristão, 2005, p.39).

O recurso comunicativo corporal utilizado pelos bebês em ocasiões interativas revela a concepção utilizada por pesquisadores que analisam a Sociologia do Corpo, como campo de estudo que defende o corpo enquanto expressão de sentimentos. Nesse sentido, o corpo é visto não só como uma dimensão biológica em si, mas como veículo de contato com o mundo e com o outro (Le Breton, 2009). Dessa forma, para o referido autor, os processos de apropriação do tempo e do espaço são constituídos a partir das movimentações corporais.

Existir significa em primeiro lugar mover-se em determinado espaço e tempo, transformar o meio graças à soma de gestos eficazes, escolher e atribuir significado e valor aos inúmeros estímulos do meio graças às atividades perceptivas, comunicar aos outros a palavra, assim como um repertório de gestos e mímicas, um conjunto de rituais implicando a adesão dos outros. (Idem, 2009, p. 8).

Assim sendo, as movimentações realizadas pelos bebês nos permitem concordar com Le Breton (2009) ao afirmar que o corpo produz sentidos e insere o sujeito ativamente em um determinado espaço social e cultural.

Na situação interativa descrita abaixo, é possível refletir sobre a importância do direcionamento do olhar e uso do corpo como meios de contato com o outro e que nos oportunizam algumas reflexões.

3.1 SITUAÇÃO INTERATIVA 1: YASMIN CONVERSA COM A PESQUISADORA

A pesquisadora para de conversar com Yasmin e dirige o olhar para outras crianças. Yasmin produz sons que orientam a atenção da pesquisadora, que recomeça a conversar com a garota. Yasmin ri e chega perto da pesquisadora, colocando a mão no rosto dela. (Diário de Campo)

Nesta situação interativa, percebemos a iniciativa da criança em permanecer com o diálogo sem palavras. Enquanto a pesquisadora observa as outras crianças que retornam do banho para os berços,

Yasmin começa a balbuciar e, assim, chama a atenção da pesquisadora, que se mostra socialmente responsiva e recomeça a interlocução com a garota. A troca de olhares e as conversas dirigidas à criança sustentam esse momento interativo.

Yasmin sorri, balbucia, se apoia com um braço na posição de engatinhar, e com o outro toca o rosto da pesquisadora, em resposta às investidas sociais da mesma. Essas diferentes formas que os bebês se utilizam para se comunicar demonstram a ideia de que o “desenvolvimento das competências sociocomunicativas da criança começa a se dar desde que a criança nasce, quando ela encontra um mundo de relações sociais e penetra nele por meio de suas interações sociais” (Ramos, 2006, p. 25).

Essa busca pelo contato físico com o adulto, apresentada por Yasmin a partir do toque no rosto da pesquisadora, foi analisada por Guimarães (2011) em um estudo com bebês. A autora percebeu que a criança buscava primeiramente pelo olhar do adulto. Depois do olhar, quando já se sentia segura, a criança efetuava a ação corporal de ir ao encontro do adulto, seja por meio do pedido pelo colo, seja pelo toque. Assim, o contato físico passa a ser analisado como maneira de se sentir presente e buscar uma relação afetiva. Além disso, “trata-se de uma experiência de confirmação e acolhida, alimento para diálogos mediados pelo corpo e para explorações posteriores” (Guimarães, 2011, p. 183).

Além disso, verificamos nesta situação interativa que a bebê utiliza dos recursos sociocomunicativos de que dispõe para se aproximar da pesquisadora, ainda que estivesse localizada dentro de um berço. Tudo isso foi possível porque a pesquisadora esteve atenta aos gestos do bebê e se colocou na posição de um adulto que acolhe, respeita e valida a potência comunicativa da criança. Desse modo, percebemos a capacidade relacional das crianças e o quanto elas são socialmente competentes para estabelecer vínculos com o outro, com os recursos de que dispõem (Ramos, 2006; 2010).

De modo a ampliar a compreensão acerca do estudo em questão, apresentamos a situação interativa denominada “Era uma vez...”. A sequência interativa seguinte demonstra a participação dos bebês em atividades de leitura coletiva. Assim, percebemos diferentes reações em relação ao convite para participar das atividades que lhes foram dirigidas.

3.2 SITUAÇÃO INTERATIVA 2 - ERA UMA VEZ...

Guilherme passeia pela sala e apanha um livro que encontrou no chão. Depois, o menino senta-se, começa a observar as figuras do livro e a folheá-lo. No outro lado da sala, estava a pesquisadora, interagindo com outras crianças. Quando ela percebe o interesse do garoto pelo livro, dirige-se até ele e o convida verbalmente para a leitura. Guilherme se levanta, apoiando uma das mãos no chão e com a outra segura o livro. Depois segue em direção à pesquisadora, que oferece o colo para o menino. O

garoto senta nas pernas dela e ambos passam a vivenciar o momento da leitura do livro. Percebe-se que a criança está totalmente envolvida na história, com o olhar fixo nas imagens, atento para o que está sendo contado e aponta sempre que aparece uma imagem que ele acha interessante (Diário de campo).

No fluxo de eventos do episódio, os contatos sociais entre Guilherme e a pesquisadora se iniciam quando ela percebe que o garoto segura um livro na mão e o convida para sentar-se em seu colo para a leitura. O garoto demonstra aceitação do convite prontamente quando se levanta e leva o livro até a pesquisadora, senta-se no colo dela e permanece prestando atenção na leitura até o final da história que está sendo narrada, indicando, através de gestos, seus interesses em participar daquele momento.

O interesse de Guilherme no que foi proposto pela pesquisadora também pode ser verificado momentos depois, quando o garoto pega novamente o livro e mostra as figuras para a pesquisadora, indicando compartilhamentos. Outra questão a ser observada é em relação à iniciativa do convite, que surge primeiramente a partir da observação da pesquisadora na criança.

No entanto, passado algum tempo, é a própria criança que oferece o livro e aponta para as figuras, ações que foram interpretadas pela pesquisadora como um convite do garoto para ela reiniciar a história que já havia lido para ele. Nesse caso, podemos perceber que as iniciativas comunicativas surgem de ambos os parceiros envolvidos na situação interativa. Nesse sentido, Guimarães (2011, p. 188) ressalta que “é comum que as crianças ofertem objetos e que apontem para coisas. Trata-se de formas de construção da relação social mediadas pelos objetos”.

O interesse de Guilherme pelo livro nos instigou a trazer para a sala do berçário outros livros, outras histórias. Dessa forma, escolhemos uma data para apresentar para as crianças a história dos bichinhos do fundo do mar. A organização do ambiente favorável ao desenvolvimento da contação da história teve a participação das educadoras, que colaboraram reorganizando a disposição dos berços, de forma que se ampliou o espaço de movimentação das crianças.

As educadoras também participaram no sentido de se envolverem nas atividades propostas pela pesquisadora e com as crianças. Assim, ao mesmo tempo em que o livro utilizado oportunizou o contato da criança com o objeto, potencializou novas relações entre os adultos e com os pares de idade (Pereira., 2019).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no comportamento interativo observado, as crianças não participaram passivamente das atividades pedagógicas que lhes foram dirigidas. Elas também indicaram, através de seus recursos

corporais, quais foram as atividades de que desejaram participar e rechaçaram aquelas das quais não gostaram, demonstrando seu protagonismo social desde bebês.

Visualizamos, a partir da pesquisa, os diferentes meios comunicativos utilizados pelos bebês durante o percurso investigativo, fato esse que nos ajudou a compreender a importância do educador como um adulto em quem a criança possa confiar e a quem se dirigir para construir relações sociais seguras.

Percebe-se, assim, que os bebês possuem uma potência comunicativa que precisa ser valorizada e estimulada no ambiente do berçário, já que a construção da linguagem se dá a partir do estímulo a essas primeiras iniciativas da criança, como apontar, tocar, olhar, estender os braços, chorar, sorrir, entre outros. Logo, “a produção de linguagem da criança apresenta-se como continuidade de algo que brotou antes, provocando ressonância nas produções posteriores, conectada no coletivo” (Guimarães, 2011, p. 179).

Diferentemente do que nos conta a história das infâncias, é necessário construir uma escola verdadeiramente capaz de acolher e respeitar a criança que ali se encontra. Além de defender a construção de uma escola de educação infantil que contemple as especificidades da criança dessa faixa etária, respeitando a indissociabilidade cuidar/educar. No entanto, essa mudança de concepção requer políticas públicas eficazes, formação de professores e gestores, parceria com as famílias e valorização do bebê enquanto sujeito ativo, participativo, autônomo.

Com isso, a complexidade do trabalho pedagógico com os bebês requer cada vez mais uma formação continuada dos profissionais, contextualizada em atividades estimuladoras e desafiantes para eles. Não se trata, porém, de acelerar o processo de escolarização dos bebês, mas sim de propor atividades que respeitem e impulsionem as potencialidades sociais e comunicativas das crianças.

Todo esse panorama dá sustentação e valorização ao nosso trabalho sobre a importância de garantir uma educação de qualidade para as crianças do berçário da creche, que há muito tempo esperam por isso. Assim, defendemos o argumento de que não cabe mais continuar subestimando as capacidades dos bebês. Eles “sabem muitas coisas que nós não reconhecemos porque ainda não conseguimos ver, compreender, analisar, ou seja, reconhecer como um saber” (Brasil, 2009, p. 29).

REFERÊNCIAS

Anjos, Adriana Mara dos. Amorim de Souza, Katia. Vasconcelos Franchi e, Cleido Roberto, Rossetti Ferreira Maria Clotilde. Interações de bebês em creche. Estudos de Psicologia [en linea]. 2004, 9(3), 513-522[fecha de Consulta 4 de Octubre de 2024]. ISSN: 1413-294X. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=26190314>. Acesso em 01 set. 2024.

BRASIL. Casa Civil. Decreto No 99.710, de 21 de novembro de 1990. Convenção sobre os Direitos da Criança. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/d99710.htm#:~:text=D99710&text=DECRETO%20No%2099.710%2C%20DE,sobre%20os%20Direitos%20da%20Crian%C3%A7a. Acesso em: 25 set. 2024.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Diário Oficial da União, Brasília, 18 de dezembro de 2009, Seção 1, p. 18. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2298-rceb005-09&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 02 mar. 2017.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. As especificidades da ação pedagógica com bebês. In: I Seminário Nacional: currículo em movimento – perspectivas atuais, 2010, Belo Horizonte. Anais eletrônicos [...]. Belo Horizonte: MEC, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6670-asespecificidadesdaacaopedagogica&category_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 10 jun. 2024.

BELLONI, Maria Luiza. O que é sociologia da infância. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

Carvalho, A. M. A., Bergamasco, N. H. P., Lyra, M. C. D. P., Pedrosa, M. I. P. C., Rubiano, M. R. B., Rossetti-Ferreira, M. C., Oliveira, Z. M. R., & Vasconcellos, V. M. R. (1996). Registro em vídeo na pesquisa em psicologia: reflexões a partir de relatos de experiência. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 12(3), 261-267.

DAMIANI, M. F.; ROCHEFORT, Renato S. ; CASTRO, Rafael Fonseca ; DARIZ, Marion R. ; PINHEIRO, S. N. S. . Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. Cadernos de Educação (UFPEL), n. 45, p. 57-67, maio/ago 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/educacao/article/view/4177>. Acesso em: 20 de abr. 2024.

DELGADO, Ana Cristina Coll; MULLER, Fernanda. Educação e Sociedade, Campinas, v.26, n.91, Maio/Ago. 2005. p. 351-360. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/GdNZMSwhJTXwFJ3RhbfYjpJ/?lang=pt>. Acesso em: 10 Jun. 2024.

ELMÔR, Larissa de Negreiros Ribeiro. Recursos comunicativos utilizados por bebês em interação com diferentes interlocutores, durante processo de adaptação à creche: um estudo de caso. Universidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado). Ribeirão Preto-SP, 2009.

GUIMARÃES, Daniela. Relações entre bebês e adultos na creche: o cuidado como ética. São Paulo: Cortez, 2011.

KUHLMANN JR., Moisés. Infância e educação infantil: Uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LE BRETON, David. A Sociologia do Corpo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

NICOLAU, Marieta Lúcia Machado. A educação pré-escolar: fundamentos e didática. São Paulo: Ática, 2003.

PEDROSA, Maria Isabel; CARVALHO, Ana Maria Almeida. Análise qualitativa de episódios de interação: uma reflexão sobre procedimentos e formas de uso. Psicologia: Reflexão e Crítica. Porto Alegre, v.18, n.3, p. 431-442, 2005.

PEREIRA, Arlete de Costa. A dimensão estética da docência com bebês e crianças bem pequenas: indícios da formação de leitores. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2019.

RAMOS, Tacyana Karla Gomes Ramos. Investigando o desenvolvimento da linguagem no ambiente da creche: o que falam as crianças do berçário? Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2006.

RAMOS, Tacyana Karla Gomes Ramos. A criança em interação social no berçário da creche e suas interfaces com a organização do ambiente pedagógico. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2010.

TRISTÃO, Fernanda Carolina Dias. Criança pede respeito: temas em educação infantil. In: MARTINS FILHO, José (Org). [et al]. "Você viu que ele já está ficando de gatinho? Educadoras de creches e desenvolvimento infantil". Porto Alegre: Mediação, 2005. p. 27-62.

SILVA, Viviane dos Reis. O que pensam as educadoras e o que nos revelam os bebês sobre a organização dos espaços na educação infantil. 2018. 272 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2018.